

OS SIGNIFICADOS DE FLEXIBILIDADE CURRICULAR¹

[The meanings of curriculum flexibility]

Maria Lourdes Gisi*

RESUMO: O trabalho constitui parte dos resultados da pesquisa sobre a formação do enfermeiro realizada para tese de doutorado, ampliada com novos dados e se refere a compreensão de flexibilidade curricular. Os dados foram coletados junto a Coordenadores/Diretores de Cursos de Graduação com o objetivo de contribuir com as reflexões sobre o sentido conferido a flexibilidade curricular no processo de formação. Os resultados demonstraram que a compreensão do que significa flexibilidade curricular é diversificada, destacando-se duas formas de compreendê-la: uma é a que se refere a possibilidade do aluno optar por áreas de conhecimento de seu interesse: outra está relacionada a proposição de uma estrutura curricular que permita atualização constante.

PALAVRAS CHAVE: Curriculum; Enfermagem; Flexibilidade; Universidade.

INTRODUÇÃO

“Estamos no limiar do sec. XXI, no cruzamento da história, olhando nervosamente em direção ao horizonte em busca de alguma indicação segura de que nossa compreensão dos eventos passados nos ajudará a prefigurar a forma dos tempos impressionantes que estão por vir” (McLAREN, 1998, p. 81).

O autor se refere a globalização, as tecnologias da comunicação, a política cultural e sua relação com os discursos da reforma educacional e social que no seu entender colocam as educadoras e os educadores do novo milênio caminhando num terreno política e epistemologicamente minado. Considera que está colocado o desafio para o desenvolvimento de novas linguagens de crítica e interpretação até uma praxis revolucionária, comprometida com os imperativos da emancipação e da justiça social.

Isto porque a educação enfrenta hoje a difícil tarefa de ter de propiciar uma formação que possa dar respostas

às exigências de um mundo profundamente modificado pelos avanços da técnica e da ciência.

Este mundo modificado significa, no pensamento de Habermas, a transformação das próprias instituições: “Na medida em que a técnica e a ciência pervadem as esferas institucionais da sociedade... desmoronam-se as antigas legitimações”, ou no dizer de Marcuse a técnica é “{...} em cada caso, um projeto histórico-social; nele se projeta o que uma sociedade e os interesses nela dominantes pensam fazer com os homens e com as coisas”. Sendo tal dominação material, faz parte da própria razão técnica. (Habermas, In: Gisi, 1998, p.18)²

Se considerarmos, como na filosofia marxista, que os homens se constroem pela ação transformadora sobre a natureza e o mundo, portanto, produzem conhecimento ao produzirem as condições para sua existência, a ciência e a técnica que deveriam constituir instrumentos para a construção de um mundo mais humanizado, impõem-nos, hoje, desafios imensos (Gisi, 1998, p.18).

Ao buscar a compreensão destas questões no contexto mais amplo do processo de globalização, que vem sendo veiculado pela ideologia neoliberal e que se faz presente em todos os setores da nossa sociedade, pode-se perceber as profundas implicações para as universidades.

O valor econômico do conhecimento passa a ser realçado não apenas no sentido de “capital humano” como ocorria nos anos 50 e 60, mas assume significado que o vincula diretamente à produção de riqueza (Aguiar, 1998, p.113)

Observa-se hoje já um certo consenso sobre a necessidade de redimensionar a formação profissional. O que se espera são profissionais criativos e aptos a dar respostas às mudanças aceleradas e em níveis mais complexos de decisões.

A educação vem assumindo grande relevância para o sistema produtivo, embora a razão desta importância esteja vinculada muito mais à alta competitividade que se estabeleceu no panorama mundial em torno do poder econômico, cujo mercado é, cada vez mais, de domínio das grandes corporações, do que com a formação do profissional cidadão.

À medida que o conhecimento passa a ser considerado uma importante estratégia para a competitividade na economia mundial, as universidades estão sendo fortemente influenciadas por mudanças externas. “Grupos

¹ Este trabalho constitui parte da Tese de Doutorado da autora complementada com novos dados.

* Doutora em Educação/UNESP. Professora adjunta da PUC/PR. Professora Sênior da UFPR.

² HABERNAS, J. Técnica e ciência como ideologia. p. 45. O autor apresenta o conceito de racionalidade em Weber e as análises de Marcuse acerca das implicações da instituição da razão técnica como dominação sobre a natureza e os homens.

exógenos começam a bater à porta dessas instituições, impondo novas regras ao jogo, com exigências que de alguma maneira desestabilizam as formas pelas quais as universidades vinham funcionando tradicionalmente” (Guadilla, 1994, p.64-5).

Os olhares se voltam para as universidades na tentativa de levá-las a redirecionar o ensino e a pesquisa para os interesses econômicos. Em seu livro sobre perspectivas internacionais de reforma educacional Cárter O’Neil indica algumas das evidências na elaboração das políticas educacionais que se aplicam também a nossa realidade. Estas evidências referem-se a uma conexão entre escolarização, emprego e produtividade da economia, favorecendo a aquisição de competências e habilidades relacionadas ao emprego; controle do conteúdo do currículo e sua avaliação; redução dos custos da educação para o governo e participação mais efetiva da comunidade nos processos de decisão escolar de modo a redirecioná-los para o mercado (Apud Ball, 1998, p.126-7).

Para implementar tais práticas são utilizadas estratégias que levam a competitividade entre as instituições de ensino, flexibilizando o sistema educacional em termos de tipos de instituições de ensino superior, tipos de cursos de nível superior e tipos de currículos, dando a impressão de maior liberdade mas que institui ao mesmo tempo um controle exercido à distância mediante a avaliação de resultados o que Du Gay chama de “desregulamentação controlada” (Apud Ball, 1998, p.128).

Esta flexibilidade apontada pela LDB, no entendimento de Cury (1998, p.79), também leva ao questionamento: “{...} como compatibilizar tanta dispersão com o caráter similar que um diploma deve possuir para a efetividade da dimensão nacional?”

Assim a flexibilidade curricular só pode ser compreendida no contexto deste panorama mais amplo em que se inserem as mudanças propostas para a educação. Neste contexto a busca da flexibilidade deverá ser precedida da pergunta: flexibilizar para que?

Diante destas reflexões questiona-se qual o sentido conferido a flexibilidade curricular no processo de formação profissional?

OBJETIVOS

1. Analisar o sentido conferido a flexibilidade curricular na proposição dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação;
2. Contribuir com as reflexões sobre o sentido da flexibilidade curricular no processo de formação profissional.

METODOLOGIA

Este trabalho está voltado para a investigação dos significados atribuídos pelos coordenadores/diretores de curso à flexibilidade curricular. Definiu-se como opção metodológica para a captação da realidade empírica, a pesquisa qualitativa, uma modalidade de investigação capaz de “{...} incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais” (Minayo, 1992, p.10).

É um tipo de investigação realizada em ambiente natural, busca descrever o fenômeno em estudo, enfatiza o processo e tem como preocupação essencial os significados atribuídos pelos atores sociais às vivências das suas relações objetivas. Estes constituem as representações sociais entendidas como ideias, imagens e visões de mundo que o homem tem da realidade e expressam concepções específicas, próprias de um determinado grupo social (Trivinhos 1982; Minayo, 1992).

Para compreender o fenômeno, deve-se levar em conta também que as representações são fortemente influenciadas pela posição assumida pelos homens na estrutura social. Existem formas de pensar a sociedade que são mais amplas e mantém as estruturas de dominação, mas cada grupo a partir dessa visão abrangente faz uma representação particular em função dos interesses do grupo e seu dinamismo interno. Assim, é fundamental contextualizar o discurso dos atores embora suas concepções não podem ser tomadas como uma totalidade em si mesmas e, sim, na sua relação com a estrutura social mais ampla (Berger & Lukmann, 1976 ; Minayo, 1992).

A ideia de flexibilidade, foco central deste estudo, se faz presente hoje nos discursos tanto do setor produtivo (econômico) como no sistema educacional. Este uso indica a polissemia deste termo e pode explicar um certo consenso existente quanto a sua importância ainda que servindo para diferentes objetivos.

Neste estudo busca-se discutir a sua proposição no sistema educacional mais especificamente na proposição dos currículos para o ensino superior.

A investigação foi desenvolvida junto aos Cursos de Enfermagem, de Medicina, Educação Física, Filosofia e Engenharia Civil.

O critério de inclusão dos Cursos foi o de estar em processo de discussão do currículo e dos sujeitos o de ocupar cargo de coordenador/diretor de curso considerando que estes necessariamente detém visão global do processo de formação pensado para os seus cursos.

Como instrumento de pesquisa foi utilizada a entrevista semi-estruturada. A entrevista é considerada um instrumento privilegiado para a coleta de informações pela

possibilidade de a fala revelar as representações sociais de grupos determinados em condições históricas específicas (Minayo, 1992).

As entrevistas foram realizadas pela autora deste trabalho no local do funcionamento do curso tendo sido assegurado aos participantes deste estudo que o material coletado seria tratado de modo que não possibilitasse identificação.

Para a compreensão dos significados atribuídos a flexibilidade curricular no processo de formação utilizou-se a técnica de análise de conteúdo. Esta técnica segundo Bardin (1979) está voltada para a análise das comunicações com ênfase no conteúdo das mensagens.

Na decomposição das mensagens buscou-se destacar os elementos nucleares a partir das unidades de registro de acordo com a finalidade do estudo (Gomes, 1994).

DESVELANDO OS SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS A FLEXIBILIDADE CURRICULAR

O termo flexibilidade do latim *flexibilitate* é a qualidade de ser flexível e traz a ideia de maleável e de aptidão para diferentes atividades ou aplicações (Ferreira, 1986). Esta definição mais geral nos leva a buscar a compreensão de flexibilidade curricular no contexto da proposição das políticas educacionais.

O uso do termo é hoje largamente utilizado e surge no contexto da doutrina do neoliberalismo que Bourdieu chama de evangelho “fabricado a partir de uma série de palavras mal definidas (globalização, flexibilidade, desregulamentação e assim por diante), as quais, através de suas conotações liberais ou até mesmo libertárias, podem contribuir para dar a aparência de uma mensagem de liberdade e libertação a uma ideologia conservadora que se pensa como oposta a toda ideologia (Apud Mc Laren, 1998, p.82).

Utiliza-se assim um artifício discursivo para apresentar uma ideologia como a única possibilidade atual. Cabe a universidade considerá-lo ou não desta forma.

De acordo com Silva (1998, p.8) é precisamente no campo educacional que se estabelece uma “batalha” em torno dos significados: “Estão em jogo, nessa luta, os significados do social, do humano, do político, do econômico, do cultural e, naquilo que concerne, do educativo”. “{...} A educação não é apenas um dos significados que estão sendo redefinidos: ela é o campo preferencial de confronto de diferentes significados”. E a tentativa é a de “transformar a educação em simples mercadoria”.

Esta tentativa refere-se, portanto, a redefinição da própria educação na sociedade atual. “Se a educação é o campo de batalha preferencial da luta social mais ampla em torno do significado, o currículo é, então, o ponto focal dessa

luta”. É preciso reconfigurar os currículos para atender esta resignificação proposta (Silva, 1998, p.9).

Diante deste panorama cabe o questionamento de como os projetos pedagógicos, que pretendem situar-se na contra hegemonia ao projeto neoliberal, podem repensar o processo de formação voltado para a construção de uma sociedade com igualdade social?

Mas até que ponto estas questões estão sendo consideradas na construção dos projetos pedagógicos? Se a função básica é preparar o aluno para ser contemporâneo do seu tempo, isto é, estar em sintonia com os anseios da sua época, como instrumentalizá-lo para compreender estes novos tempos e comprometer-se com as prioridades colocadas pela sociedade atual? O que é relevante hoje ao se repensar o processo de formação?

Muitas vezes a preocupação está mais centrada em como fazer as reformulações curriculares e em como vencer os obstáculos existentes para implementar novas propostas do que com o sentido que tais mudanças terão para as necessidades sociais mais amplas.

Neste estudo foi possível perceber que a flexibilidade não é questionada pelos sujeitos, ela é considerada fundamental no processo de formação.

Os professores encontram-se em fase de discussão dos currículos dos seus cursos, em função da proposição das diretrizes curriculares. Os coordenadores/diretores de curso, que participaram deste estudo, consideram que as diretrizes possibilitam a flexibilização e indicam como os currículos podem ser flexibilizados.

QUADRO 1 - FORMAS DE FLEXIBILIZAÇÃO CURRICULAR

Inclusão de estudo independente na estrutura curricular
Possibilidade do aluno optar por diferentes áreas de atuação profissional
Complementação de estudos em diferentes áreas de conhecimento
Introdução de disciplinas profissionalizantes no início do curso
Diminuição dos pré-requisitos
Inclusão de disciplinas de outras áreas de conhecimento na estrutura curricular
Estrutura curricular que possibilite atualização constante

Observa-se que a compreensão do que significa flexibilidade curricular é diversificada. Para alguns reflete-se a possibilidade dos alunos optarem por áreas de seu interesse, para outros, a flexibilidade é relacionada a uma estrutura curricular que permite atualização constante, em razão de novas demandas e necessidades sociais. Percebe-se que muitas das opções apresentadas constam das propostas de diretrizes curriculares que no ano de 1999 foram motivo de discussões nas universidades.

A flexibilidade curricular permite abrir áreas de aprofundamento optativas voltadas para diferentes campos de atuação profissional, favorecendo o desenvolvimento da autonomia. Estas áreas estariam vinculadas a linhas de pesquisa.

Não podemos deixar nenhuma fatia do mercado fora.

A complementação de estudos foi outro modo de entender a flexibilidade curricular:

Ao optar por uma área de atuação profissional ofertada pelo curso, o aluno poderá complementar seus estudos cursando disciplinas em outros cursos. Este contato com outras áreas favorece a interdisciplinaridade. Interdisciplinaridade e especialização não se opõem. É possível aprofundar-se em uma área sem perder a visão do todo.

Outra compreensão sobre flexibilidade curricular está voltada para a possibilidade de alterar o currículo de forma mais ágil, ainda durante a sua implementação, em função de percepção de problemas ou para acréscimo de conteúdos dada a velocidade das mudanças que ocorrem na sociedade

A flexibilidade curricular é importante porque permite agilidade na correção do currículo em curso. Ao se identificar problemas corrigir já no módulo seguinte. A cada ano agregar novos conhecimentos.

Algumas mensagens relacionaram a flexibilidade a inexistência de pré-requisitos:

Ainda há exigência de muitos pré-requisitos pela maioria dos docentes, o que amarra muito.

Não houve referência a possibilidade de abreviar a duração dos cursos para aqueles alunos que comprovarem “extraordinário aproveitamento nos estudos” (Lei nº 9.394/ 96, art. 47. Parágrafo 2º) ou até mesmo aproveitamento de estudos realizados anteriormente em cursos similares.

Foi possível identificar ainda nas mensagens, que a flexibilidade curricular está associada a possibilidade de desenvolver algumas características enfatizadas hoje na definição do perfil profissional.

QUADRO 2 - FINALIDADE DA FLEXIBILIDADE CURRICULAR

Desenvolvimento da autonomia Desenvolvimento do empreendedorismo Atualização dos conhecimentos Desenvolvimento da interdisciplinaridade
--

A maior preocupação, no entanto, está centrada nas dificuldades para a proposição de currículos flexíveis relacionadas principalmente a estrutura rígida da universidade e as condições de trabalho dos professores:

QUADRO 3 - DIFICULDADES EXISTENTES PARA A FLEXIBILIZAÇÃO CURRICULAR

Cultura institucional Atual organização acadêmica e administrativa Condições de trabalho
--

As mudanças (para um currículo flexível) dependem da alteração de regimentos. Acredito que o curso poderia flexibilizar o currículo mas os regimentos da universidade impedem.

A universidade não é de fato uma instituição ágil e certamente irá confrontar-se com enormes dificuldades para dar conta das novas exigências. Significa que a flexibilidade deverá permear toda a instituição para possibilitar currículos flexíveis. Em alguns casos foi mencionado também a resistência por parte dos professores:

O corpo docente tem visão tradicional, tem resistência para mudanças e para abrir outras opções para os alunos.

A cultura institucional centrada na figura do professor e no ensino e o regime de trabalho dos professores são grandes obstáculos para viabilizar currículos flexíveis

A instituição até agora não se pronunciou sobre este assunto e não acredito que o fará. Faltam professores, os salários estão ruins e falta espaço físico.

A escassez de recursos destinados a área social não é novidade, no entanto, nos últimos anos agravou-se muito em decorrência das privatizações, das formas de execução das políticas sociais e o atrelamento destas com a situação econômica. Quando a economia deixa de crescer diminuem os recursos para a área social. Com a redução do ritmo de crescimento da economia aumenta o desemprego e o subemprego e há retração dos salários reduzindo-se, por sua vez, a captação de recursos para a área social. A política educacional no conjunto das políticas sociais vem sendo penalizada em termos de recursos necessários para o seu pleno desenvolvimento (Saviani, 1998).

Há percepção também de que a liberdade em propor mudanças nos currículos está atrelada a avaliação do resultado do processo de formação:

Existe o risco de abrir a possibilidade do aluno optar por diferentes áreas de atuação e aí ele não sair-se bem no provão.

Conforme afirma Cury (1998, p.77): “[...] a LDB se polariza entre a flexibilidade inicial do rendimento e o controle teleológico do produto através da avaliação. Ela parece

orientar os sistemas no sentido de mostrar a educação inclusive como produto, insistindo na noção de qualidade e de excelência. O que aponta para a dimensão do cidadão também como consumidor”.

Pelas mensagens captadas das entrevistas foi possível verificar que os significados atribuídos a flexibilidade curricular são bastante diversificados e em alguns casos não há ainda clareza sobre esta questão. Demonstrem também preocupação com a viabilização da mesma pela instituição.

A preocupação com a inserção do profissional no mercado também se faz sentir em algumas mensagens. Esta preocupação não é nova, sempre houve preocupação com o tipo de profissional que o mercado deseja. O que preocupa é que, diante do empenho do setor econômico com o tipo de profissional a ser formado, a única preocupação seja este critério de inserção no mercado sem análise crítica deste mercado e sem considerar os demais aspectos do processo de formação.

SE FOSSE POSSÍVEL CONCLUIR

É certo que a educação superior requer mudanças para que possa ocupar seu espaço no desenvolvimento cultural e sócio-econômico do país. É evidente também que o modelo tradicional de universidade não consegue mais dar conta dos desafios colocados para as novas gerações.

Compreender o significado das mudanças que se processam hoje em ritmo acelerado e definir ao mesmo tempo novos rumos parece ser tarefa extremamente difícil e cercada de incertezas.

Existem, no entanto, algumas recomendações que se fazem presentes no discurso educacional da atualidade dando os contornos de um novo processo de formação. Entre estas recomendações pode-se destacar: 1. A graduação como etapa inicial do processo de formação profissional valorizando-se a educação contínua e a capacidade de aprender a aprender; 2. A exigência da complementaridade entre as áreas do saber o que pressupõe a superação da fragmentação das disciplinas e adoção de abordagem interdisciplinar e transdisciplinar; 3. A utilização das novas tecnologias da comunicação como instrumentos que possam favorecer a participação ativa do aluno no processo ensino/ aprendizagem; 4. A importância de se considerar as dimensões éticas e humanistas no processo de formação e; 5. A importância de instrumentalizar os alunos para uma leitura crítica da realidade de forma que possam compreender como a ciência e a tecnologia podem contribuir para a construção de uma sociedade com justiça social.

Nesta perspectiva a flexibilidade curricular só terá sentido quando considerada no contexto do repensar do processo geral de formação. A flexibilidade não poder ser

tomada como um fim em si mesma mas como estratégia importante na estruturação de “... currículos que permitam contínuas adaptações e atualização, de modo a garantir o redimensionamento dos perfis de formação profissional em razão das: Constantes transformações e inovações científicas e tecnológicas; das tendências do mercado de trabalho e no caso da área da saúde, das exigências colocadas pela evolução dos serviços de saúde e as necessidades demográficas e epidemiológicas da população” (ABEn, 1999, p.3).

A flexibilidade pode referir-se também a possibilidade de complementação de estudos em áreas de interesse do aluno desde que seja garantida sólida formação geral e contribuir para a formação do profissional criativo, autônomo e competente para propor e desenvolver projetos de relevância social. Mas só terá este sentido se estiver sendo considerada como um meio para viabilizar um projeto político pedagógico cuja finalidade considere a formação do profissional cidadão comprometido com as transformações sociais.

Certamente este é o grande dilema das universidades. Como não tomar-se apenas instrumento do desenvolvimento econômico, deixando de lado as questões que envolvem a sociedade como um todo.

ABSTRACT: This study entails part of the results of the research on nurse education, carried out for the PhD thesis. It has been enhanced with new information, and refers to the understanding of curriculum flexibility. Data were gathered among coordinators and principals of graduation course, and the aim is to contribute with reflections on the meaning implied in curriculum flexibility during undergraduate years. The results showed a varied understanding about the meaning of curriculum flexibility. Two ways of understanding is stand out: one is about the possibility of a student's option on the knowledge field of his interest; the other is related to the proposition of a curricular structure which enables continuous updating.

KEY WORDS: Curriculum; Nursing; Pliability; University

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM - ABEn. **Carta de Florianópolis** Enquadramento das Diretrizes Curriculares. 518 Congresso Brasileiro de Enfermagem, Florianópolis, 2 a 7 de outubro de 1999. Mimeo, 8p.
2. AGUIAR, Márcia Angela. Sistemas universitários na América Latina e as orientações políticas de agências internacionais. In: CATANI, Afrânio Mendes (Org.) **Novas perspectivas nas políticas de educação superior na América Latina no limiar do Século XXI**. Campinas: Autores Associados, 1998. p.103-15.
3. BALL, Stephen J. Cidadania global, consumo e política educacional. In: SILVA, Luis Heron (Org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p.121-37

4. BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979. 225p.
5. BERGER P.L. ; LUKMANN T. **A construção social da realidade**: Tratado de Sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1976. 247 p.
6. CURY, Carlos Roberto Jamil. A educação superior na nova Lei de Diretrizes e Bases Da Educação Nacional: uma reforma? In: CATANI, Afrânio Mendes (Org.) **Novas perspectivas nas políticas de educação superior na América Latina no limiar do Século XXI**. Campinas: Autores Associados, 1998. p.75-81.
7. GISI, M.L. **A competência técnico-científica e política do enfermeiro**: uma diretriz Curricular em questão. Marília, 1998. 246 p. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual Paulista.
8. GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M.C.(Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.
9. GUADILLA, CG. Identificação das mudanças no discurso sobre a universidade latino-Americana. In: Warde, MJ. (Org.) **Dilemas do ensino superior na América Latina**. Campinas: Papirus, 1994. p.59-99.
10. HABERMAS, J. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1968. 147p.
11. Mc LAREN, P. Traumas do capital: pedagogia, política e praxis no mercado global. In: SILVA, L.H. **A escola cidadã no contexto da globalização**. 2 ed. Petrópolis: Vozes 1998. p.81-98.
12. MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 1992.
13. SAVIANI, D. **Da nova LDB ao novo plano de educação**: por uma outra política educacional. Campinas: Autores Associados, 1998.
14. SILVA, T.T. A escola cidadã no contexto da globalização: uma introdução. In: SILVA, L.H. **A escola cidadã no contexto da globalização**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998. P.7-10.
15. TRIVINOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Endereço do autor:
Rua Anita Garibaldi, 491/113 - Bairro Ahú
CEP 80540-180 - Curitiba - PR